

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

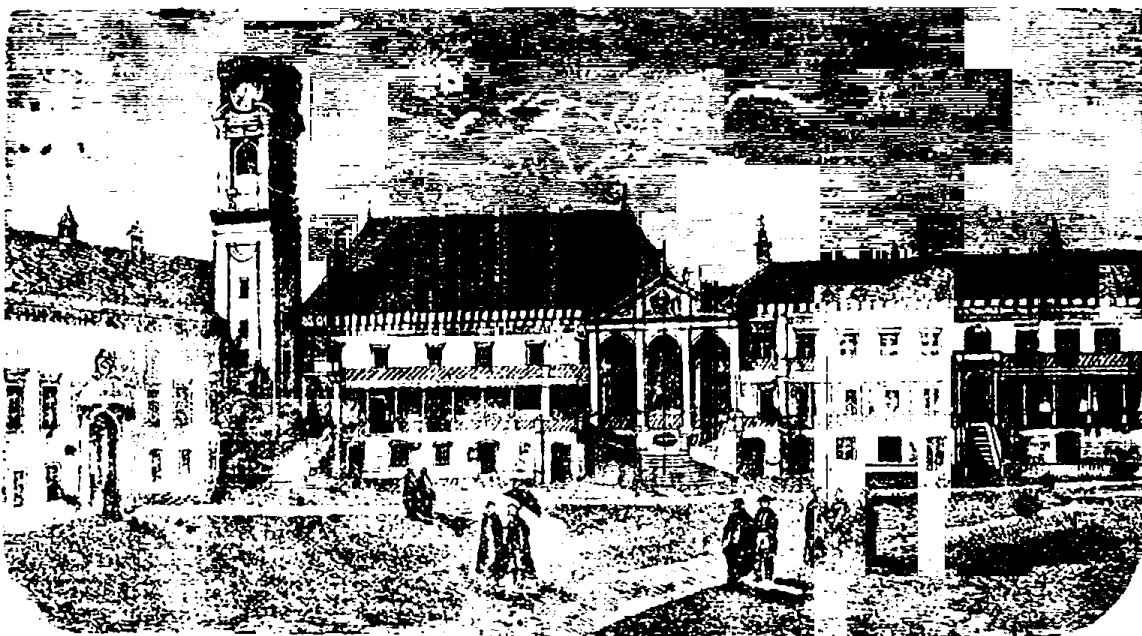
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Primeiro de dezembro de 1640*, pelo Padre Joaquim José Soares.—**Secção Religiosa:** *Estudos Biblicos—Analyse do Livro de Job*, por J. C. de Faria e Castro; *A Igreja sempre do lado dos opprimidos—Breve de S. Santidade acerca da escurantura em Africa.*—**Secção Scientifica:** *O Papado e a civilização, continuação do Discurso do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sur. Dr. Theotônio Manuel Ribeiro Vieira de Castro.*—**Secção Historica:** *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 20.^o, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—**Secção Critica:** *Uma Rainha Maçonica*, por Elias de Sampaio.—**Secção Illustrada:** *Paços da Universidade de Coimbra; Os Lapões*, por R.—**Secção Bibliographica:** por Alberto dos Guimarães.—**Secção Necrologica.**—**Retrospecto da Quinzena**, por J. de Freitas.—**Bibliotheca Romantica**, 3.^a folha, *A Filha da Condessa*, versão de Mattos Ferreira.

Gravuras: *Paços da Universidade de Coimbra; Os Lapões.*



PAÇOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PRIMEIRO DE DEZEMBRO DE 1640

Salvê dia 1.^o de Dezembro de 1640!
Salvê dia venturoso e memoravel, em que foram quebrados os elos da grossa cadeia que acorrentava e escravizava os filhos da portugueza nação!
Salvê dia brilhantissimo em que os

portuguezes se viram livres das sanguinarias e aduncas garras do leão de Castella!

Portugal, este berço de heroes que offuscaram a fama aos velhos romanos, é o pequeno reino que, pelas suas muitas façanhas, illustra as paginas d'uma volumosa historia!

Se Roma, a capital do mundo, foi grande nas letras e nas armas, Portugal tambem o foi.

Se alli houve um Virgilio, o immortal

poeta, aqui houve um Camões, tambem immortal.

Se alli se distinguu um Pompeu, aqui distinguu-se um D. João de Castro, um Mascarenhas, e um Affonso de Albuquerque que levou o terror e o espanto a toda a Asia!

Em fim, se alli existiram homens célebres que immortalisaram o seu nome, quer nas sciencias, quer nas armas, nós em nada lhe somos inferiores!

Lançai a vista sobre as nossas glo-

rias passadas, e a historia vos apontará milhares de factos cheios de heroismo e valor: ouvireis ribombar os canhões aqui e alli, e, por ultimo, vereis içar-se a bandeira lusitana nas mais remotas partes do mundo!

Pequeno no ambito, Portugal encerrou em si heroes a quem era asquerosa e aviltante a oppressão, e cheios de nobre ardor estenderam por longinuas terras as raias do seu paiz, respirando sempre o doce perfume da liberdade.

Amor da patria e a cubiça de novas conquistas, acendiam nos corações dos portuguezes um fogo abrazador, que só se apagava com o sangue dos inimigos, derramado no campo da batalha!

Cada homem era um baluarte insuperavel, que resistia impavido a todos os impulsos hostis, pendurando os trophéos da victoria na ponta da sua espada, que não consentia vencida!

Os feitos dos portuguezes eram tão illustres, altivos e corajosos, que os estranhos tremiam de susto, quando proferiam e ouviam articular o nome portuguez!

Porém, no apogeu de tanta ufania, no sublime grau de tanta gloria, um revez veio embaciar o muito brilho e valor dos portuguezes, deixando-os sujeitos a um vil e baixo captivo:—Foi a nefanda intrusão dos Filippes, realisada no mez de Maio de 1580.

Aquelles verdugos da humanidade portugueza deprimiram-nos e rebaixaram-nos com as ignominias mais allrontosas.

Foi o nosso exercito mandado para a Catalunha e Flandres, aonde derramava o sangue em guerras desastradas, e por causa que não era sua.

Era tão grande o rancor de Philippe IV de Castella aos filhos de Portugal, que o levou a dizer ao seu primeiro ministro, o conde duque de Olivares:—*«Eia conde! Que faremos d'est'outros portuguezes? Não acabaremos já de opprimil-os de todo?»*

A estas arrogantes e indignas interrogações respondeu o conde duque:—*«Dê-m'os Vossa Magestade a cargo, que eu darei conta do negocio, conforme os seus desejos.»*

De facto.

A duqueza de Mantua, Margarida de Saboia, governava Portugal, em 1637, tendo por ministro o conde duque de Olivares, que assignou cumprir os pessimos designios do rei castelhano.

Para effectuar seus infames projectos, necessitava o duque d'um traidor. Procurou-o, e, desgraçadamente, encontrou dois:—Miguel de Vasconcellos e Diogo Soares. Estes e o conde duque eram tres hyenas que dilaceravam as entranhas de Portugal.

Tyrannia, oppressão e aniquilamento,

tal era a norma do governo de Portugal, nas mãos do cruel ministro de Philippe IV de Castella.

Porém, alguns fidalgos portuguezes, sentindo ainda em suas veias pular sangue heroico, tentam sacudir o jugo pesado da tyrannia, e quebrar, d'uma vez para sempre, as bronzeas algemas que os manietavam.

No dia 12 de Outubro de 1640, juntam-se, em Lisboa, no jardim de D. Antonio de Alameda, João Pinto Ribeiro, o grande e incomparavel benemerito da patria», Jorge de Mello, Francisco de Mello, Pedro de Mendonça e Antonio de Saldanha.

Estes seis valentes fidalgos portuguezes formam alli o plano de libertar Portugal de tão hediondo captivo.

Delineado o modo de eximir o reino do poder castelhano, Pedro de Mendonça parte immediatamente para Villa Viçosa, a offerecer a corôa de Portugal a D. João, duque de Bragança.

D. João, aconselhado pelo seu amigo e secretario Antonio Paes Viegas, e estimulado por nobres e heroicas palavras de D. Luiza de Gusmão, duqueza de Bragança, aceitou a corôa offerecida.

As palavras proferidas pela duqueza de Bragança, por essa dama de animo varonil e alta intelligencia, são historicas e repassadas de energia:—*«Mais vale morrer rei, do que viver na escravidão ainda que socegado»*, lhe disse ella.

Pedro de Mendonça ausentou-se satisfeitiŝimo.

Os labores, reuniões e conferencias da conjuração, continuaram até ao dia 2.º de Novembro. Decidiu-se n'esse dia, que a restauração premeditada se realisasse no sabado, 1.º de Dezembro.

Foi sempre crescendo o numero dos conjurados. Eram quarenta os illustres, valentes e intrepidos fidalgos portuguezes que, sexta feira, 30 de Novembro, se armavam secretamente, para, no dia immediato, libertar a patria que, no decurso de 60 annos, sempre gemeu escravisada.

O entusiasmo era tão grande, que as proprias senhoras armavam seus filhos, como fez D. Filippa de Vilhena, condessa d'Alouguia, a D. Jeronymo e D. Francisco Coutinho, e D. Maria de Lencastre a D. Fernando e D. Antonio Telles da Silva.

Salvê brioso e patriótico feito! Despontára bello e encantador o dia 1.º de Dezembro de 1640.

Juntam-se no Terreiro do Paço, pouco antes das 9 horas, todos os conjurados.

Batem as 9 horas.

Os coches abrem-se a um tempo, e os fidalgos descem.

Dividem-se em tres grupos: dois d'estes vão apressadamente ao Paço,

e entram na sala dos Tudescos por dois lados.

«D. Miguel d'Almeida, ebrio de alegria, corre a uma varanda, abre-a, e brandindo um estoque, exclama:—LIBERDADE! LIBERDADE! VIVA EL-REI D. JOÃO IV! O DUQUE DE BRAGANÇA É O NOSSO LEGITIMO REI!»

Elevão da Cunha, Jorge de Mello, Antonio de Castro e o povo, obrigam a render-se a guarda castelhana, e forçam n'a a gritar:—*«Viva D. João IV, Rei de Portugal»*.

Gaspar de Brito Freire, Marco Antonio de Azevedo, D. Alfonso de Menezes, Miguel d'Almeida, Pedro de Mendonça, Thomaz de Souza, e outros, surpreendem a guarda allemã.

João de Sá e Menezes, Antonio Telles, Francisco Coutinho, Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha, João de Saldanha e Gama, Gastão Coutinho, e outros fidalgos capitaneados por João Pinto Ribeiro, pertencem ao terceiro grupo, e, acompanhados de immenso povo, dirigem-se ao quarto de Miguel de Vasconcellos.

Ao entrarem apparece lhes o corregedor do civel da cidade, que, a um—viva D. João IV, respondeu:—*«Viva D. Philippe de Hespanha e Portugal»*. Em paga da resposta recebeu um tiro de pistola, e caiu morto.

Por outras contas rezou o secretario de Vasconcellos, Antonio Corrêa, que, sentindo-se ferido, fugiu, valendo-lhe uma escada secreta.

O traidor da patria, o portuguez Miguel de Vasconcellos, secretario d'estado, e principal motor de todos os vexames e affrontas feitas a seus conterraneos, enche-se de terror, e vai occultar-se n'um armario.

Os conjurados procuram o ferino alagoz dos portuguezes, e não o acham. Sabem, por denuncia d'uma criada, o lugar onde estava escondido. O armario abre-se, e Miguel de Vasconcellos é morto, levado seu corpo a uma janella e atirado á rua. O povo apodera-se do cadaver do seu verdugo, e arrasta-o, sendo depois compellida a Misericordia a sepultal-o.

«No ardor da refrega e força do entusiasmo», os fidalgos portuguezes trataram a duqueza de Mantua «com cortezia e respeito, até que forcejando por se evadir, acompanhada pelo seu dedicado amigo, o arcebispo de Braga, lhe disse D. Carlos de Noronha, com voz sonora e grave:—*«Retirai-vos, senhora, se não quereis que vos fultemos ao respeito»*.

—*«A mim?»* respondeu a duqueza.

—*«Sim, senhora, a vós mesma»*—asseverou D. Carlos com voz mais alta e firme.

—*«E como?»* perguntou a vice-rainha.

— «Atirando com V. A. por essa janella—replicou o conjurado.

«Foram então exigidas á duqueza as ordens para a entrega das diversas fortalezas, entre ellas o castello de Lisboa de que era governador *D. Luiz del Campo*, ao qual sendo apresentada a ordem por Alvaro de Abranches, Thomaz de Sousa e Francisco de Faro, pusillanimente entregou o castello que lhe estava confiado.

«Depois o arcebispo de Lisboa, que havia tomado o governo até á chegada de *D. João IV*, duque de Bragança... mandou sahir a vice-rainha do Paço com todas as suas damas, e recolher-se ao palacio real de Xabregas...

«A princeza foi sempre servida e tratada com magnificencia e respeito devido a sua alta posição, a ponto que, mesmo depois em Hespanha, dizia:— *Os portuguezes são cavalheiros gentis, que ainda mesmo accesos em colera são galantes e civis*».

Eis a façanha grandiosa e incomparavel que nunca se riscará da memoria dos portuguezes.

Em tres horas viu-se acclamado rei de Portugal o senhor *D. João IV*, deposeda Margarida de Saboia, duqueza de Mantua, e morto Miguel de Vasconcellos!

Em quinze dias acclamou-se o rei em todo o reino, sem guerra, estando as praças governadas por ministros e soldados castelhanos!

Salvè dia 1.º de Dezembro de 1640!

Salvè dia brilhantissimo em que os portuguezes se viram livres das sanguinarias e aduncas garras do leão de Castella!

Salvè!

Padim da Graça—Novembro de 1888.

P.º Joaquim José Soares.

SECÇÃO RELIGIOSA

Estudos Biblicos

Analysa do Livro de Job

(Continuado do vol. X)

III

QUAL é a situação de Job?

No terreno da raciocinação está derrotado pelos seus amigos. Porque, para aparar os golpes que elles lhes descarregam e que o transpassa em nome da justiça de Deus, não tem á sua disposição outra theologia senão a sua propria.

Para que possa replicar-lhes triumphantemente, seria preciso que elle conhecesse a scena do prologo a unica que dá a chave da dispensação de que Job é o objecto.

Mas Job ignora-a. Job está na situação d'aquelle filho que fallámos acima, quando seus irmãos, vendo o rigor subito com que é tratado pelo pae, lhe perguntam com assombro: Que fizestes tu? e pedem-lhe com ar mesclado de compaixão e de horror que haja de confessar a culpa que chamou para sobre elle o cutêlo de um ser tão justo e tão bom.

Só uma coisa pôde responder o pobre rapaz: Não sei nada, absolutamente nada.

—Mas nosso pae é justo!

—E' verdade; não entendo o seu proceder. Supplico-lhe que m'o explique por isso que o sabe.

Portanto Job nada tem que oppôr á argumentação dos seus amigos. Mas o que tem sómente é a boa testificação da sua consciencia. Porém isso é-lhe bastante. Eis aqui o escolho contra o qual se vem fazer em pedaços todas as imputações de que elle é o objecto, bem como o principio mesmo sobre o qual ellas assentam, aquelle principio da estricta retribuição.

Que se não busque pois nos seus discursos uma rigorosa consequencia logica como a que domina nos discursos dos seus amigos. A sua logica contem dois elementos contradictorios: a theoria da remuneração que lhe parece, tambem a elle, inseparavel da fé na justiça de Deus—e a attestação firme da sua consciencia que protesta actual-mente contra tal theoria.

D'aqui a sua irresolução.

Não é o bem e o mal que brigam no seu foro intimo; mas é o bem e o bem, a justiça de Deus affirmada pela sua consciencia, e a sua innocencia relativa não menos firmemente attestada por aquella mesma voz intima e sagrada; a tal ponto que elle se vê logicamente obrigado ou a dar um desmentido á sua consciencia se elle pretende ainda afirmar Deus, ou em negar Deus se elle pretende manter a affirmação da sua consciencia o ponto culminante da experiencia pela qual é elle agora o objecto sem d'isso saber.

Esta situação moral é a obra prima da arte epica.

Seduzidos talvez pelo lado serio e triste do assumpto d'este livro sublime e pela supremacia do dialogo no texto, alguns criticos encaram o livro de Job como uma composição dramatica, uma tragedia (1). Mas dois trechos puramente historicos abrem e fecham o poema; este facto não concorda inteiramente com aquelle modo de ver. Eile é tam- bem pouco compativel com as transi-

ções narrativas e as passagens historicas no corpo do livro.

A acção, a meu ver, n'esta obra, desenrola-se como n'um poema epico.

Sem duvida, não se trata aqui, como na Iliada, da tomada de uma cidade, da captura de uma escrava, mas da descoberta da verdade com relação a um problema capital do monotheismo.

A azagaia veloz na lueta d'este genero, é a palavra: o combate corpo a corpo sobre um tal campo de batalha, é o dialogo.

Job no principio não quer ouvir as exhortações dos seus amigos que pretendem explicar ás suas custas o inexplicavel. Mas a suave melodia dos discursos de Eliu começa a enternecer-lhe o coração: ainda não chegou o momento de adorar, mas Job deixa de accusar e não replica mais.

A final, quando a magestade de Jehovah apparece e lhe descobre seu nada, immolando toda a sua dôr sobre o altar da fé, é então que Job glorifica esse Deus que elle não comprehende e decide o triumpho da sua causa sobre a de Satanaz.

D'aqui pôde colligir-se a que genero litterario pertence o livro de Job. E se o leitor ainda não atinou com elle, dillo-hemos expressamente: na Biblia ha uma só obra dramatica: é o Cantico dos Canticos; mas na Biblia sobresaem duas epopeias: a da consciencia humana em lueta com a justiça divina—o livro de Job; e a do reino de Satanaz em lueta com o reino de Deus—o Apocalypse.

* * *

Com quanto n'esta obra, os versos se não achem sujeitos a nenhum ritmo particular, a elevação constante do pensamento, o enthusiasmo e a nobreza do estylo fazem d'ella uma das obras mais admiraveis da antiguidade.

Todos os grandes homens têm prestado a maior admiração.

O livro de Job, encerra não só, uma infinidade de vestigios preciosos dos costumes antigos, pinturas vivas e animadas da natureza asiatica, descripções brillhantes das riquezas e dos prazeres dos habitantes d'essas regiões felizes; senão, está cheio do Eterno, e d'essas grandes idéas moraes que elevam e engrandecem a intelligencia, e sem as quaes não poderia haver n'elle o verdadeiro sublime.

Em outro estudo, daremos aos nossos leitores as *Bellezas* do livro de Job.

J. C. de Faria e Castro.



(1) Julio Sandox, *Revue chrétienne*, 1859, n.º 2.

A Igreja sempre do lado dos opprimidos

Breve de Sua Santidade ácerca da escravatura em Africa

NINGUEM desconhece o empenho que vae por todo o orbe para a libertação dos escravos em Africa. O grito mais alto que se ergueu em prol d'esses infelizes soltara-o um Prelado Catholico, o Cardeal Lavigerie, esse grande apostolo que chama hoje as atenções de todos os povos civilizados, porque elle se declarou protector dos pobres negros.

E a Igreja, que foi sempre a primeira em reprovar toda a casta de escravidão, porque é a depositaria da doutrina de Jesus Christo, d'essa doutrina que nivelou todas as condições, que fez desaparecer as raças e as cores, para que só existam sobre a terra filhos de Deus, não podia na hora presente ficar silenciosa ante um tal movimento e eis que pela bocca do seu chefe, o Santo Pontífice Leão XIII, dirigiu ao apostolo dos negros, ao Cardeal Lavigerie, o seguinte breve que muito honra o denodado apostolo:

«Querido Filho, saude e benção apostolica.

«Inspirado pela Nossa caridade, confiamos-vos uma obra certamente grande e difficil, pedindo-vos que tentasseis generosamente, por todos os meios ao vosso alcance, a extincção em Africa da escravatura de tantos infelizes. Aceitastes o encargo e com tanta dedicação que é facil de ver com que coração e elevação de sentimentos trabalhastes quando se tracta da salvação dos homens. Vemos pelas vossas cartas que o vosso zelo por tamanha empreza augmenta de dia para dia o vosso enthusiasmo e coragem, e que não só vos não poupaes a trabalhos realmente excessivos, senão que ainda os desejaes e procuraes. E' por isso que não podemos nem devemos demorar-mo-nos por mais tempo em vos testemunhar, como o fazemos por estas letras, que approvamos de todo o coração, os começos da vossa empreza e muito nos alegramos em ver que sem demora foram louvados pelos bispos. Desejamos e pedimos a Deus que logreis, n'uma causa tão nobre e tão excellente, todo o resultado que appetceis. O que está feito é um seguro penhor de que, com a graça divina, o resultado será grande. Os soberanos da Europa concordam que convém combater um tão grande mal com mais energia do que até aqui. Assim se convencionou na conferencia de Berlim. Vimos tambem que as vossas cartas e discursos excitaram a piedade d'um grande numero de pessoas, e isto, como nol-o confirma um re-

latorio escripto, não sómente entre os vossos concidadãos, nação sempre magnanima, mas tambem entre os belgas sempre promptos a auxiliarem as necessidades alheias; entre os inglezes que, desde ha muito, bem merecem da causa dos escravos; entre os catholicos da Allemanha e de Portugal, de cuja piedade temos muito a esperar. Não duvidamos de que os italianos e hespanhoes se tornem, com a mesma vontade, auxiliares e promotores d'uma tal obra. Se, tornando mais conhecida a infame e horrivel escravatura africana, vós podestes inflamar os espiritos e levar-os a procurar sem demora remedio para tão grande mal, excitando vossos sentimentos de humanidade e caridade christã, temos motivos para julgar que a approvação e o favor que já obtivestes da Europa vos assegura para futuro o seu auxilio e apoio.

Não vos exhortaremos, pois, porque de que exhortação necessita uma tão grande coragem? mas Nós vos felicitamos porque estaes dispostos a continuar esta obra, pela graça divina, com o mesmo zelo e constancia.

Certo é que não podeis empregar a vossa caridade episcopal em nenhuma outra obra com mais utilidade, porque não ha obra em que melhor possamos merecer o nome de christão.

A liberdade é, com effeito, por igual titulo, o bem proprio de todos os homens e está fumdada, não só no direito natural mas ainda no direito christão.

Se alguns ousaram dizer que a Igreja, n'outros tempos, favoreceu a escravidão, ou que não trabalhou o bastante para a abolir; estes não se mostram gratos á Igreja, nem conhecem os factos, por que a historia estabelece com evidencia o quanto trabalhavam para realizar a escravatura ainda na Africa os homens apostolicos e o que os soberanos Pontífices fizeram ácerca d'isto na cidade de Roma, capital do mundo catholico. Com respeito a vós, não duvideis de que vos ajudaremos nos vossos projectos e no vosso zelo por todos os meios ao vosso alcance.

Recebei como prova d'esta nossa vontade os trezentos mil francos que vos enviamos de todo o coração, para que os distribuades como julgardes conveniente pelos conselhos e comités estabelecidos para a abolição da escravatura. Nada pôde ser mais grato ao nosso coração que prestar auxilio a homens tão cruelmente tractados, e cremos que os catholicos de todas as nações, cuja generosidade tem sido tão grande para conosco, principalmente este anno, saberão com gosto que a sua munificencia nos serviu tambem para reparar tão atrozes injustiças e para defender n'um grande numero de irmãos nossos a dignidade da natureza humana.

Valor, pois, querido filho, e ponde a vossa firme confiança n'Aquelle que é Pae e Salvador de todos os homens. Como penhor do seu auxilio e da nossa paternal benevolencia, vos concedemos com todo o coração a nossa benção apostolica, a vós, querido filho, ao vosso clero e a todo o vosso povo.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, a 19 de outubro de 1888, undecimo do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.»

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Papado e a Civilisação

Discurso pronunciado pelo Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Dr. Theotonio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, professor e Vice-Reitor do Seminario portuense, por occasião da solemne abertura das aulas do mesmo Seminario.

(Continuado do n.º anterior)

MAS o que é a Civilisação? Meus Senhores, a civilisação não é o estado selvagem, estado que, como de Maistre demonstra (1) contra Rousseau, é posterior ao primitivo, e consiste como bem define Littré (2), na illimitada independencia de todos os direitos e deveres e na insociabilidade; não é tambem o estado de barbaria, o qual, como descreve Lachaud (3), ainda synthetisa a decadencia do direito, e o reino cruel da força.

Mas civilisação é o desenvolvimento harmonico de todas as potencias da humanidade para a felicidade; é o aperfeiçoamento do homem. Ora como as faculdades da alma tem 3 objectivos principaes que encerram os outros: a verdade, o bem, e o bello; se chegar a demonstrar que o Papado aperfeiçoa o homem na posse da verdade religiosa e moral, na posse do bello, e na posse do bem social, terei demonstrado que sempre levantou no seio das nações o sceptro da civilisação.

No momento em que o Papado faz vibrar nos 2 hemispherios as fibras do enthusiasmo, da admiração, e da sympathia, e que o esplendor das festas jubilares do grande successor de S. Pedro,—Leão XIII,—fez escrever a um pensador estranho á nossa fé, Barthélemy Saint-Hilaire, (4) estas expressões:

(1) Du Pape.

(2) Diction. Etymol., palavra «Saava-

ge». (3) La Civilisation., Confer. 1.^a (4) Carta dirigida a Mgr. Lorenzelli, Reitor do Collegio Bohemio, e Professor de Philos. na Congreg. da Propaganda, em fevereiro do corrente anno.

«A humanidade nunca viu nada igual a este dia; não ha vestigio na historia d'uma tal homenagem rendida a um poder puramente espirital, por todos os povos, e por todas as crenças sem distincção»; no momento em que o Papado reconquistou no mundo contemporaneo uma supremacia preponderante e universal, como todos os politicos e publicistas confessam, não será sem interesse, nem sem oportunidade, que sigamos através do curso das edades, a evolução da sua acção bemfazeja e salutar.

Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.—Fallece-me o animo deante da penosa tarefa que hoje o dever me impõe. Mas confesso, Em.^{mo} Snr. que este arduo trabalho suavisa-se-me devéras ao reflectir que n'este dia, tenho, pela primeira vez na minha vida, o grato ensejo de dar um testemunho publico do vivo reconhecimento e acrysolado amor que o meu coração tributa a V. Em.^a.

Durante os 7 annos em que recebi a educação moral e intellectual n'este Seminario, para onde entrara ainda antes de ter attingido a adolescencia, V. Em.^a dignou-se dar-me constantemente tão distinctas demonstrações de benevolencia e de bondade que o posso chamar o meu segundo pae. Ao terminar o meu Curso Theologico, V. Em.^a recebendo um honroso convite pontificio, houve por bem preferir-me, contra meus meritos, para ir á Athenas Catholica apherçoar os meus estudos, e coraol-os com o mais nobre grau Academico. E, regressando á patria, honrava-me V. Em.^a chamando-me ao Magisterio, e embora tambem me escolhesse, apesar da minha insufficiencia, para occupar um dos mais espinhosos cargos da Diocese, ainda n'esta escolha V. Em.^a me dava um novo penhor de bondade e alta confiança, pois que entregando-me os seus Seminaristas, confiava me o que de mais amado e de mais precioso possue.

Os meus labios, em sua rude lingua-gem, não sabem expressar tudo o que minha alma pensa, tudo o que o meu coração sente para significar a minha gratidão e dedicação para com V. Em.^a... Feliz, porém, de mim, se, a quem, depois de Deus, tudo devo, saiba em todos os dias da minha vida patenteiar as demonstrações mais cabaes de fidelidade e de amor, e merecer a affectuosa benevolencia que n'este momento tambem ousa sollicitar.

Distinctos e illustrados Collegas, quasi todos outr'ora meus mestres, illustres auctoridades, bravos officiaes, respeitavel assembleia: *Indulgencia!* e já principio.

Meus Senhores:

E' impossivel seguir o progresso humano em todas as phases da sua evo-

lução sem dar com a vista logo no Papado como a primeira, e em muitas epochas, a unica das instituições civilisadoras. Onde pára a influencia Romana, pára a civilização, diz de Maistre; escrever a Historia dos Papas é escrever a Historia da civilização, confirma Rorbhacher. (1)

O Papado com effeito, columna luminosa, dirigindo e esclarecendo a marcha da humanidade, faz brilhar até nas eras mais sombrias da Historia, o grande e puro foco das verdades reveladas que dão ao homem um ideal elevado que se reflecte em tudo o que elle faz ou emprehende, e lhe resolvem os problemas do fim para que foi creado, e dos meios de attingil-o.

Ao apparecer no mundo o Papado, o ensinamento popular, sob forma religiosa ou moral não se conhecia, como nota Burnouf (2); e a philosophia, nas margens do Indo e do Ganges na China e nos vales da Asia Menor, e desde a Academia e o Lyceu á Cidade Eterna, patenteara que o espirito humano para ir até ao fim de si mesmo, precisava da illuminação da intelligencia infinita, do mesmo modo que toda a força physica precisa, para ser fecunda, do concurso de forças superiores: o scepticismo universal e mais cruel fóra a ultima volta d'essa espiral de actividade intellectual da qual Plinio fazia a oração sombre, com este apophthegma: *Id solum certum, nihil esse certi.* Foi, n'essa hora desolante da historia, que o Papado recebeu todos os povos em herança, e os salvou do naufragio da certeza e da fé, do mesmo modo que adiante deveria de luctar sempre para conservar puro e immaculado o deposito da verdade.

Mas deixemos fallar os factos com o seu rigido mas eloquente laconismo.

E' o archiapostolo Pedro, o primeiro Papa, que na primeira Pentecostes promulga no Oriente, a verdade revelada, e fixando a sua sêde na capital do universo d'ahi envia á Africa, ás Hespanhas, e ás Galias a Boa Nova. São os Gregorios, os Sergios, os Celestinos, os Paschoaes, os Zacharias, os Calixtos, os Martinhos, os Honorios, os Nicolaus que transformam e civilisam successivamente as diversas regiões da Europa, n'algunas das quaes não tinham podido penetrar as legiões de Cesar, e enviam novos Apostolos á Arabia, Ethiopia, India, Tartaria e China.

Quando os nossos arrojados exploradores descobrem as costas da Africa Occidental; quando depois, dois genios

verdadeiramente unicos, com os olhos voltados para o ceu, pedem resolutamente aos antigos continentes os seus limites, ás solidões do oceano os seus mysterios; quando Colombo abre as portas d'um mundo novo, maior e mais bello que o antigo civilizado, e Vasco da Gama as da Africa e da India os Papas previnem os nossos reis, e os da Hespanha para enviarem missionarios com os marinheiros, e organisam expedições evangelicas com um ardor juvenil energico e infatigavel que arranca ao protestante Ranke uma esplendida homenagem em honra do Papado (1).

E' ainda Gregorio XV, creando, ha dois seculos, a admiravel congregação *de Propaganda Fide*, objecto de emulação de Napoleão, e de Pili, e que é o orgão e emanação do Apostolado universal e supremo, como demonstrou o Cardeal Secretario do Estado quando, ha quatro annos, ella foi expoliada.

São tambem todos os Pontifices desde Pio VII, a Leão XIII na Encyclica «Santa Dei civitas» animando vivamente as sympathicas obras da Propagação da Fé, Santa Infancia, etc., que hão mostrado só pertencer ao Catholicismo uma eterna fecundidade, até em martyres, e uma potencia irresistivel de proselytismo.

E' ainda Leão XIII levando com a luz da verdade religiosa e moral os benelicos da civilização á Africa equatorial, e Austral, a varias regiões da America e Asia, a diversas ilhas do Oceano Indio, e do Oceano Pacifico especialmente á maior de todas ellas a Australia, servindo-se principalmente das ordens religiosas, «essa espontanea florescencia da Igreja», como lhe chama Balnes, esses batalhões de heroes, que formam uma das mais poderosas alavancas da civilização, no sentir dos mais distinctos homens de Estado, entre os quaes tenho a honra e o brio nacional de contar o Ex.^{mo} Barros Gomes, actual Ministro dos Negocios Estrangeiros. (2)

E' assim, meus Senhores, que os Papas tem dirigido o colossal instrumento da civilização geral; sim, Meus Senhores, direi com Donoso Cortez, só ha civilização dentro da zona christã. Sim, Meus Senhores, as nações são civilisadas depois que são christãs; é uma lei da Historia que o nosso Alexandre Herculano não pôde deixar de reconhecer expressamente (3). O raio partido do Calvario traça no Mapa mundo uma linha de demarcação mais distincta ainda que o sol: o que elle não attinge está na morte, só o

(1) Histoire Universelle de l'Eglise Catholique, t. 29.

(2) Revue des Deux-Mondes, t. XIV, pag. 982.

(1) Histoire de la Papauté, IV, 169.

(2) Allusão nos seus discursos nas Camaras em dozeza da recente Concordata.

(3) Opusculos.

que elle esclarece está cheio de luz e de verdade (1).

(Continua)

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

20.º

(Continuado do n.º anterior)

XXXV

P. Honorato Fabri

ASCRU este eruditissimo varão na diocese de Belley (França) em 1607, e professou o Instituto de Santo Ignacio na idade de 19 annos. Na cidade de Lyon ensinou philosophia, nas eschololas da sua ordem.

Em Roma foi penitenciario pontificio por muito tempo, sendo estimado de todos os Prelados e Cardeaes pela sua sciencia e virtudes singulares.

O jesuita Honorato Fabri era um homem laborioso: occupou-se de todos os generos de conhecimentos, philosophia, mathematica, physica, theologia, moral, e sobre todas estas materias deixou escriptos.

Morreu em Roma, em 1688.

Não obstante, porém, Fabri ser doutissimo em todas as sciencias, e ter-se a sua pena exercitado em todos os generos, é necessario confessar que tinha mais aptidão para a physica e mathematica, do que para a theologia. As suas obras no primeiro genero são estimadas de todos os sabios.

Fabri ensinou a circulação do sangue antes de ter lido o livro de Guilherme Harvey, medico inglez, a quem se attribue aquella descoberta.

Publicou algumas obras de theologia moral, ou de materia connexa com a escholastica, e tambem apologias. Só os seus manuscriptos comprehendem 11 volumes.

O P. Fabri tem sido considerado como auctor classico na philosophia e mathematica, e foi um dos primeiros que ensinou estas sciencias por um novo methodo.

XXXVI

P. Famiano Strada

E' um dos mais famigerados historiadores da Companhia de Jesus, e até mesmo de grande reputação entre todos os homens que se tem occupado de historia. Nasceu em Roma, no anno de 1572.

(1) Liberté de l'esprit humain dans la foi, pelo Padre Maignon.

Na ordem de Santo Ignacio o P. Famiano Strada professou por muito tempo as bellas-letras com distincção. E' especialmente conhecido pela sua obra a *Historia da guerra dos Paizes-Baixos*, que elle escreveu em latim: trabalho importantissimo pelo methodo, e sobre tudo pela bella latinidade, pureza de estylo e riqueza de imaginação, e ao mesmo tempo clareza. E' commumente comparado com o P. João Mariana, seu confrade. Consta de 2 volumes *in-folio*, e foi traduzida em francez.

O celebre Gaspar Scioppio, inimigo acerrimo da Companhia de Jesus, escreveu contra a historia do P. Strada, notando-lhe muitos defeitos. Não admira, porque o jesuita refere as atrocidades que a heresia, unida á revolta, causou nas mais bellas e catholicas provincias da Europa, o que devia fazer como exacto historiador, e, alem d'isso, tinha o defeito de ser religioso de Santo Ignacio.

Escreveu tambem o P. Famiano uma Rhetorica geralmente estimada pelos exemplos que contem dos melhores auctores.

Este jesuita distinguio-se na cadeira sagrada, sendo um dos grandes prégadores do seu tempo na capella pontificia.

Morreu este sabio e bom religioso em 1649.

XXXVII

P. Estevão des Champs

Este jesuita, ainda que commumente pouco conhecido entre os litteratos, distinguio-se no campo theologico, alcançando grande reputação por uma obra que escreveu contra os erros de Jansenio. Foi um dos primeiros e mais zelosos propugnadores da causa catholica contra o pestifero jansenismo.

Estevão des Champs (ou Deschamps, como outros escrevem) nasceu em Bourges (França) no anno de 1613. Entrou na Companhia de Jesus em 1630, e nella occupou varios cargos com inteireza e prudencia.

Sendo provincial dos jesuitas em Paris, fez-se amar de todos pela sua affabilidade e merito. O grande Condé e o principe de Conti o honraram com a sua estima.

Morreu de idade avançada em 1701, tendo passado na sua Ordem 71 annos e praticando com exactidão todas as virtudes do seu estado.

A obra, que escreveu contra a heresia de Jansenio, forma um volume *in-folio*, e foi por elle dedicada ao Papa Innocencio X, logo no anno seguinte ao em que este Pontifice condemnou as cinco famosas proposições jansenistas.

Convem aqui notar que os jesuitas

foram sempre os primeiros e principaes adversarios do jansenismo, e pela sua parte os jansenistas eram inimigos fi-gadaes da Companhia de Jesus. Está hoje provado até á saciedade que a extincção da Ordem de Santo Ignacio em 1773 foi promovida pelo jansenismo alliado com o philosophismo incredulo.

Em 1762 o parlamento de Paris, culpando os jesuitas de terem ensinado todos os erros, com approvação de seus superiores (nunca houve calumnia mais absurda e revoltante), nem um só accusou de jansenismo, pois todo o mundo sabia que a Companhia de Jesus esteve sempre em campo contra Jansenio e seus sequazes.

Jesuita e jansenista constituem ideias diametralmente oppostas. E eis aqui mais uma gloria para a Ordem de Santo Ignacio: combater sempre uma seita que minava solapadamente o edificio da Igreja.

Como dissemos, o P. Estevão des Champs distinguio-se n'esta empreza. E tambem escreveu uma obra de importancia sobre questões de moral.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Uma Rainha maçonica!

As tres palavras que encimam este artigo devem, decerto, causar estranheza a muitos dos nossos leitores, que vêem nos reis os representantes de Deus, porque é em nome do Supremo Creador de todas as cousas que elles regem os povos. E de feito, uma Rainha maçonica é o maior contrasenso, o disparate mais atrevido que imaginar se pôde.

Uma rainha é a primeira individualidade de uma nação; olha sobranceira, dos degraus do throno, para todo o povo, curvado reverente a seus pés; estende o sceptro dominante por sobre esse mar de cabeças humanas, nivelando-as até á condição de subditos; e nos regios paços, nos salões dourados dos grandes da cõrte, nas ruas e praças das cidades e villas, passa ovante por meio das ovações de todos, esquecidos, muitas vezes, de que saudam a tyrannia, para só se lembrarem de que passa a rainha.

E esta mulher, collocada no fastigio do poder, na cuspide de todas as grandezas terrenas, no auge de todas as alegrias, as mais invejaveis, tropeça, vacilla, cae, e torna-se, para satisfazer

mentidas illusões, escrava, de rainha de antes era.

Abandona os regios aposentos, quebra o sceptro dominador ao entrar nos antros medonhos onde a luz não penetra, verga, a golpes de malhete a corôa da realesa, e abandona-se, escrava, nas mãos de homens sem alma, sem pundonor, sem dignidade, e faz-se uma maçónica!

Vae confiar seus haveres e os segredos do Estado aos seus proprios inimigos, vae collaborar na desgraça da Patria, vae renegar às promessas do Baptismo, vae deixar de ser mulher, de ser livre, de ser mãe, de ser rainha, e conspirar contra a Igreja, contra o throno de seus filhos, contra a liberda-

de juntar a nossa á admiração do compauheiro da cidade angusta.

Vá a noticia:
«A maçonaria hespanhola ha depositado em mão de Dona Maria Christina o malhete de 33.º grdo.

«Presencearam o acto e a imponente cerimonia Dona Maria do Olvido, filha do Infante D. Henrique; Dona Resario d'Acuña, multidão de elegantes e distinctas damas da cõrte e os altos dignitários do Serenissimo Gran Oriente Nacional de Hespanha.

«Desde hoje, pois, já não haverá templos maçonicos dirigidos sómente por mações, senão que as senhoras (mas enão receiam deshonnar a regente apellidando-a de maçona?) se agruparão

«E senão esperemos.»

Ahi fica a noticia do *El Pensamiento Galaico*, e com os *parenthesis* que o nosso collega bracaraense julgou juntar-lhe; falta agora que nós, com a nossa má criação, como alguém já viu nos nossos escriptos, digamos alguma coisa sobre factos tão assombrosos. E vamos dizer algo.

Não porque nos admire a noticia de que uma princeza pertença á seita maldita, porque de longe ellas tem descido até essa degradação; mas por a noticia se referir a uma princeza que certos *jornaes catholicos* de Hespanha e de Portugal, teem collocado entre as tres mais bellas virtudes do christianismo, fazendo d'ella quasi... quasi... uma



OS LAPÕES

de do seu povo, contra as tradições gloriosas de uma nação e contra a bandeira que cobre milhões de corações generosos.

Mas ha quem faça isto, infelizmente, e se não vejamos pelo que vae ler-se:

Encontrou o nosso collega *Cruz e Espada*, n'um jornal hespanhol, *El Pensamiento Galaico*, a noticia de que a Regente de Hespanha tomara conta do malhete maçonico do grão 33.º Reproduzindo a noticia não podemos deixar

em lojas, que dirigirão por si mesmas, e combaterão com inteireza e energia a immoralidade, a ignorancia e o fanatismo (de certo se esqueceu de acrescentar—e o jesuitismo).

«E cremos que não ha de atrever-se o Sr. Bispo d'Avila contra Dona Maria Christina e contra Dona Maria do Olvido, como se atreveu contra aquelle professor da Universidade central, porque se nos afigura que estas devem parecer-lhe outros Lopes.

quarta virtude que presida a todas as outras.

E' só por isto, e já não é pouco.

E para que não vá algum dos nossos leitores julgar que o pertencer uma senhora á maçonaria é cousa de nenhuma importancia, e que ellas apenas lá entram para dar certa importancia á *irmandade*, e não com intentos de minima perversidade, vamos reproduzir algumas passagens d'um livro que ha pouco se publicou e que fez uma pas-

moza revolução no campo gerigon-
ceiro:

«Assim como a maçonaria selvatica foi creada para permittir aos irmãos dotados, em politica, de temperamento exaltado, e dar livre campo a seu ardor, do mesmo modo a maçonaria de adopção, ou maçonaria de senhoras, ha sido instituida para dar satisfação aos gostos orgiarchicos dos irmãos de temperamento libidinoso.» (1)

Já vêem os leitores do *Progresso Catholico*, que para uma princeza alcançar o titulo de virtuosa, santa, de nada mais carece que filiar-se em tão innocente, pura, casta, divina associação; porque, além do que já apontamos, temos de acrescentar que «Não ha nada tão immoral como as diversões mysteriosas dos *Talheres femininos*; os seus rituaes recordam admiravelmente e em muitos pontos as infames torpezas dos sabbados de bruxas na Edade Media.» (2)

Podíamos transcrever mais; cremos, porém, ser bastante o que ali fica para mostrar o que seja a Maçonaria de Mulheres. E a ser verdadeira a noticia, que o nosso bondoso collega *Cruz e Espada* transcreveu e verberou, mal vae a Regente de Hespanha, e por pouco lhe damos para morada os paços dos reis catholicos. Desceu do throno, abdicou a sua grandeza e liberdade, e ha-de, estamos d'isto certos, ser victima de mais esta leviandade. Quer a gentil viuva de Afonso xii um exemplo que deve ter presente? Vamos dar-lh'o:

Em 1781 foi eleita Gran Mestra da Maçonaria de adopção, a formosa confidente e amiga de Maria Antonieta, a Princeza de Lamballe. Não soube o que fez, dando um tal passo, porque n'essa epoca pouco conhecida era a seita nefasta, mas trabalhou para as desgraças da França, concorreu, talvez, ainda que inconsciente, para a perda da familia real, e quando conheceu o mal que fizera, retirou-se, mas tarde já. Em 3 de setembro de 1792, foi conduzida ao tribunal de sangue presidido pelo mação Hebert, sendo depois conduzida á rua do *Roi-de-Sicile*, onde foi degolada, triturado o corpo, e passeada a cabeça espetada n'um pau, pelas praças e ruas de Paris.

E como estes poderíamos dar á formosa Regente muitos exemplos, mas este basta. Deus queira que S. M. reconsidere e que não tenha o mesmo fim da princeza de Lamballe.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Paços da Universidade de Coimbra

VASTISSIMO e magestoso este edificio, que a nossa primeira gravura representa, tendo sido doado á Universidade por El-Rei D. João III, em 1537, pois que até então era residencia da cõrte quando estava em Coimbra.

As muitas aulas estabelecidas, pois que D. João III quiz a sua Universidade de hobreando com as mais afamadas do estrangeiro, e sendo os paços residencia de muitos professores que vieram de fóra do reino, foi necessario ampliar mais o edificio e para satisfazer essa necessidade mandou El-Rei construir mais dois collegios; um chamado de S. Pedro, que forma o lado direito do pateo, e outro, com a invocação de S. Paulo, em frente d'este, mas fóra do terreiro.

Dominando em Portugal os reis de Castella propoz Philippe II á Universidade a compra dos paços, proposta que foi accete, porque o monarcha hespanhol não dava permissão para as escolas estarem n'elle estabelecidas, e celebrou-se o contracto mediante a quantia de 30 mil cruzados que o bondoso Philippe empalmou á Universidade, por uma propriedade que ha muito lhe pertencia.

Hoje estão nos paços da Universidade as faculdades de Direito e Theologia, os archivos, e os aposentos do Reitor. A galeria de columnas que deita para o pateo e que a nossa gravura mostra de frente é a chamada *via lactea*, que dá serventia para os *geraes*, e que serve de passeio aos estudantes nos intervallos das aulas. Da para esta galeria a magnifica sala dos *capellos*, onde tem lugar a cerimonia dos doutoramentos; ha aqui, n'esta elegante sala, os retratos de todos os nossos reis.

A torre, que a nossa gravura mostra offerece, da sua maior altura, um panorama encantador, e a bibliotheca que lhe fica junto é das mais ricas do paiz, pois tem a pequena somma de cem mil volumes e mais de 900 manuscritos, á custa principalmente, já se sabe do trabalho, da perseverança e do dinheirinho dos frades, d'esses grandes *madracos* que amontoaram milhares de livros para agora os inimigos dos frades e dos livros blasonarem de sabios.

Os Lapões

Apresentamos hoje uma familia de lapões, d'esse povo que vive no ponto

mais afastado do norte da Europa, e portanto habitando o paiz mais frio.

Apontamos este paiz aos apóstolos da nova ideia, redactores das *luminarias seculares, populares*; aos Magalhães Limas, Angelinas Vidal e a todos esses obreiros do progresso e da civilização acaranguejada, para que vão alli estabelecer seus arraiaes, para ficarem livres de jesuitas, de beatos, de procissões, de egrejas, e de todas essas *ninharias* que tanto os incommodam. Sim, republicanos môres d'estes reinos, nos lapões encontraes gente que vos serve: elles são avaros, egoistas e amigos de intrujar os seus semelhantes; para elles o casamento é um contracto, o commercio um meio de arranjar dinheiro por qualquer modo, e são alem de tudo viciosos e bebedos. Não está a matar um povo d'estes para os *secularios* ali irem assentar tendas e propagar as suas civilisadoras ideias?

E que prazer, um comicio junto ás tendas e em volta do caldeirão suspenso sobre uma fogueira!

Eia! para a Laponia vós todos que não estaes bem em Portugal, nem mesmo á sombra da Carta adorada. A' Laponia! á Laponia!

R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

DEVE-MOS á amabilidade do nosso amigo o snr. Manuel Malheiro, editor catholico portuense, a posse d'um livro que ha muito fahara no mercado e que era muito procurado pelas pessoas piedosas. Agradecemos a offerta e damos-lhe, ao editor, o parabem por vir com esta edição satisfazer aos devotos desejos de muitas pessoas.

Referimo-nos ao livrinho—**ENTERTE-NIMENTO DO CORAÇÃO DEVOTO COM O SS. CORAÇÃO DE JESUS**, pelo Padre Theodoro d'Almeida, agora sahido em 3.ª edição, com a approvação ecclesiastica.

Bem vindo seja o precioso livrinho, e que as almas devotas corram a munir-se d'elle, são os nossos desejos.

Mais dois volumes acabam de ser postos á venda da obra importante—**RECORDAÇÕES E IMPRESSÕES DE VIAGEM**, por João Baptista de Freitas Leal. É o tomo 2.º e 3.º acerca da Italia, em que o auctor com uma competencia bem provada e com um espirito altamente catholico, descreve as bellezas da Italia, sem nada esquecer, nada desprezando, de tudo quanto pôde interessar a um espirito ávido de saber.

Estas RECORDAÇÕES E IMPRESSÕES DE

(1) Leo Taxil.—*As Irmãs Maçonicas*.
(2) Livro o auctor citado.

VIAGEM é o trabalho mais completo de quantos, no genero conhecemos, pois que dá uma ideia clara de tudo quanto respeita aos paizes de que trata. Não ha melhor, podemos affirmar-o, pelo que damos os emboras ao illustrado auctor, desejando que se propague, que bem se conheça, e que em todas as estantes do homem estudioso ellas tenham lugar de honra, que bem o merecem.

São tantos os erros da nossa epoca; andam tão baralhadas as ideias com tanto embuste que por ahi se prega e se escreve, que não é demais tudo quanto se diga e escreva para desmascarar esses erros, para pulverisar esses embustes. Bem fez, pois, D. Enrique Muñiz, que enriqueceu ultimamente a litteratura hespanhola com a traducção de uma obra magistralmente escripta em França pelo Padre Elias Meric, doutor em theologia, e de que nos foi enviado um exemplar com o titulo de —ERRORES SOCIAES DE NUESTRA ÉPOCA, obra de um alcance pasmoso, escripta sob a impressão produzida pelo estado da sociedade actual, e apontando a arvore maldita d'onde saíram tantos erros, d'onde brotaram tamanhas aberrações — o liberalismo.

Sim, este livro serve de norma a todos que não conhecem ainda essa mentira do seculo dezenove, para que fujam d'ella, para que olhem o liberalismo como a fonte de todos os males, como o maior inimigo da sociedade em geral e da familia em particular.

Consola ler este livro, e por isso muito o agradecemos á Livraria da Immaculada Conceição de Barcelona, editora d'este e de muitos outros livros de pura e verdadeira propaganda catholica.

Um livrinho piedoso nos veio tambem ás mãos o qual muito recommendamos. É o MANUAL DE INSTRUÇÕES E DEVOÇÕES, PARA USO DOS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO ESPIRITUAL DE N. S. RECONCILIADORA DOS PECCADORES, o que tem por fim afervorar a devoção para com a SS. Virgem sob a invocação de La Salette. É a 2.ª edição, tem o beneplacito da auctoridade ecclesiastica e está á venda na Portaria do convento de Santo Alberto e na Livraria Catholica, em Lisboa.

Livrinhos d'estes teem em si mesmo a propria recommendação, mas como desejavamos vel-os andar em todas as mãos, redobramos de cuidado em recommendal-o.

Alberto dos Guimarães.

Todos os livros de que n'esta secção se falla, não se dizendo que se vendem na direcção do «Progresso Catholico», é signal de que os não temos á venda, e por isso escusado será fazerem-nos pedidos d'elles.

Teixeira de Freitas.

Aos nossos bondosos assignantes

De novo recommendamos que quando haja de fazer-se qualquer alteração na direcção da nossa Revista, nos indiquem sempre os dois numeros que tem a cinta, ou mandar esta, o que é melhor, sem o que não poderemos attender a reclamação que se nos faça, e não podem culpar-nos por que a falta provem do não cumprimento d'esta nossa determinação.

A importancia das assignaturas, tanto atrazadas, como do anno corrente, pedimos nos seja enriada com a maxima brevidade, para que nos não vejamos em serios embaraços, de que não possamos sair. A regularidade em tulo é o melhor meio de trazer as cousas em ordem, e o atrazo no pagamento é a maior das desordens.

Teixeira de Freitas.

SECÇÃO NECROLOGICA



HAIS uma leitora do Progresso Catholico riscada do numero dos vivos e habitando na mansão dos justos, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Thereza

de Jesus Fernandes de Moura, virtuosa senhora das proximidades de Chaves. Dando a seu irmão o R.^{mo} Padre Francisco Firmino Fernandes de Moura e a todos os seus os mais sentidos pezaes, imploramos de todos os nossos leitores e amigos uma prece para suffragar a alma da bondosa senhora falecida.

Agradecimento

O abaixo assignado summamente pehorado para com todos os R.^{mos} Sacerdotes e mais pessoas, que no dia 27 de outubro se dignaram assistir na egreja matriz de Sapiãos ao funeral de sua querida irmã Thereza de Jesus Fernandes de Moura, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, serve-se d'este meio para tributar a todos a mais profunda e eterna gratidão.

Padre Francisco Firmino Fernandes de Moura.

RETROSPECTO DA QUINZENA

ANNO jubilar do N. SS. Padre Leão XIII, vae ser encerrado d'uma maneira solemníssima, e cheia de graças para os fieis. É o que se deprehende da seguinte noticia que desejamos seja por todos os catholicos conhecida, para que nem um deixe de ser participante da munificencia do Vigario de Jesus Christo.

Eis a noticia, collhida dos jornaes de Roma:

•O N. SS. Padre Leão XIII por Decreto Urbis et Orbis de 1 de Novembro corrente, annuindo ás supplicas que lhe dirigiram muitos Bispos do Orbe catholico, dignou-se conceder que no ultimo dia de dezembro em todas as Egrejas metropolitanas, cathedraes, e collegiadas, e parochias do mundo catholico, em honra do SS. Coração de Jesus se exponha o SS. Sacramento por algum espaço de tempo, e se recite o terço e cante o hymno Ambrosiano.

A todos os fieis que confessados e commungados, assistirem a esta solemnídade, concede Sua Sanctidade a Indulgencia Plenaria.»

Teremos, pois, no dia 31 de dezembro uma grande festa em honra de Leão XIII.

Em Münster (Westphalia) teve lugar uma grande reunião de eleitores catholicos, na qual o deputado Schorlemer-Alet, um dos mais illustres ornamentos

da Allemanha catholica, pronunciou um discurso, em que fallou com accento energico da questão romana. «Os nossos Bispos, disse elle, exprimiram seus votos e desejos a respeito da independencia da Santa Sé! Nós todos conhecemos com que palavras dolorosas se tem diversas vezes exprimido o S. Padre sobre a sua dolorosa situação. Uma assemblea de homens catholicos não pode deixar de occupar-se d'essa questão. E' necessario que o Summo Pontífice entre de novo na posse dos seus direitos. Roma e o patrimonio de S. Pedro pertence-lhe, e são-lhe necessarios para a sua independencia e liberdade, como Pastor supremo da Igreja. Não é só o Papa, somos também nós que temos direitos sobre Roma, que pertence a toda a christandade. Reclamando isto novamente não fazemos senão reclamar um nosso antigo e justo direito. Ao mesmo tempo mostramos que estamos sempre animados pelos sentimentos de verdadeira justiça, pelo legitimo direito, pela conservação da ordem legal, pelo amor e felicidade da nossa dynastia.»

Em Portugal, como os *catholicos* são regeneradores, progressistas, republicanos, reformistas etc. etc., não se trata d'estas cousas! Para que, se tudo corre ás mil maravilhas!

São dignas de archivar-se, depois de bem meditadas, as seguintes linhas que traduzimos de uma correspondencia de Roma para o *Times*, de Londres, o maior jornal e o mais importante de todo o mundo, e alem d'isso protestante:

«Aproxima-se, segundo todas as apparencias, uma crise nas relações entre o Papa e o governo italiano; e tudo o que indica uma mudança em taes relações é observado com vivo interesse, tanto aqui como em toda a christandade. O Papado é uma instituição, cujas raizes são tão extensas e profundas, que todos os abalos fortes que lhe dão, se fazem sentir, em bem ou em mal, em qualquer parte onde ha christãos.

Não ha ninguem, catholico, protestante, atheu ou livre pensador, que possa contemplar mudança séria na posição do Pontífice, sem experimentar uma emoção semelhante á que produziria o principio da queda d'um planeta sobre o sol.»

Fallam assim os homens que leem consciencia do que dizem; escrevem d'este modo os jornalistas que põem a verdade acima dos interesses politicos.

N'uma reunião que os revolucionarios celebraram em Roma para memorar a batalha de Mentana, houve um cidadão que soltou, entre outras, estas bellas palavras:

«Depois de arrasados os altares da superstição, da ignorancia, do embrutecimento, também se arrasarão com o tempo os thronos baseados sobre a prepotencia e a força; e os povos ficarão livres do dominio das sacristias, dos quartéis, dos *papas* e dos *reis!*»

Bravo! Isto é que se chama fallar sem papas na lingua! Poisque, julgavam os revolucionarios do Quirinal, que aquelles que lhe foram degraus para lá chegar, se haviam deixar ficar a olhar para as salas regias, mas de longe? Engano! Elles também querem a sua parte, e mesmo é forçoso que o plano da Revolução se cumpra no todo—enforçar o ultimo rei com as tripas do ultimo padre.

Que colicas não haviã causar o tal discurso na cõrte e na cohorte humberlina!

Felicitemos cordealmente o nosso illustrado collega da Ilha Terceira—O *Perigrino de Lourdes*, por haver encetado o segundo anno da sua publicação, desejando-lhe no novo anno a mesma coragem mostrada durante o anno findo para facilmente calcar a cauda da serpente maldita que se estende sempre no caminho que a imprensa catholica tem de trilhar.

Aos nossos collegas que annunciaram a entrada do *Progresso Catholico* no decimo primeiro anno, e que nos dirigiram palavras animadoras por essa occasião, enviamos os nossos agradecimentos e um aperto de mão de collegas e amigos.

Encontramos na *Correspondencia de Roma* uma noticia que não está muito em harmonia com as aspirações *liberaes* d'este seculo, e com as ideias espalhadas pelo *Seculo*, *Folha do Povo*, *Conimbricense* e toda essa *illuminação* que por esse reino traz tudo sepultado em trevas. Prova mais esta noticia, o *fanatismo* que domina ainda muitos povos, onde não chegam Carvalhos, Magalhães Lima, etc.; é por isto que nós fazemos ecco com a *Correspondencia de Roma*:

«Merece ser conhecido o exemplo de religiosidade dado na ultima semana pelos habitantes de Cormons (França).

Na noite de quarta para quinta feira foram roubados por mãos sacrilegas todos os objectos preciosos que adornavam a estatua de Nosso Senhora do Rosario da igreja de S. Domingos d'aquella cidade. Este sacrilegio causou tanto horror no meio d'aquelle povo, que deu occasião a um rasgo de fé e piedade que merece ser apontado á admiração dos catholicos. Logo que na

manhã de sexta-feira se abriu a igreja e se descobriu o roubo sacrilego, a noticia correu por toda a cidade como annuncio d'um desastre publico. Uma pobre mulher, que estava na igreja quando se deu pelo facto, correu á sacristia debulhada em lagrimas a entregar os brincos que trazia nas orelhas. Este exemplo foi seguido com enthusiasmo. Todo o dia o povo correu á igreja que offereceu um espectáculo commovente.

Todas as classes de pessoas alli foram mostrar o seu amor á Rainha dos ceos: senhoras, artistas, creadas, lavadeiras, todas porflaram em privar-se d'um objecto para offerecer á Divina Mãe. Sabbado pela manhã, 24 horas depois, diz o *Echo du Litoral*, na sacristia da igreja de S. Domingos estavam já 44 anneis, sendo alguns de brilhantes e de grande valor; 70 pares de brincos; 5 cordões d'ouro; 24 medallhões do pescoço; e uma quantidade immensa de outras joias preciosas. A' hora em que sahia o *Echo*, o movimento continuava com tal fervor e enthusiasmo, que se tinha estabelecido que na segunda feira immediata a imagem seria ornada com objectes offerecidos, e se calculava que ficaria coberta desde a cabeça até aos pés. Entretanto algumas meninas da cidade estavam bordando a ouro um manto riquissimo para offerecer á SS. Virgem no domingo 28, em que tinha de celebrar-se uma função solemnissima de desaggravo.»

Rasgos como este, de amor e veneração para com a SS. Virgem, honram sobremodo um povo. Foi uma desforra digna de catholicos.

Agora que uma forte cruzada se empenha na abolição da escravatura em Africa, deve interessar o seguinte facto, que a Irmã Josefa, pertencente á congregação das Irmãs da Caridade de S. Vicente de Paulo, communica de Massawah ao Director Geral da Obra de Santa Infancia.

Esculemos a virtuosa filha de S. Vicente de Paulo:

«Um dia chegou ao conhecimento do general Gená a noticia de que um barco carregado de escravos se dirigia para Djedd, para alli os expôr á venda. O general manda immediatamente um vapor italiano em perseguição do barco negreiro que aprisionou em breve.

O commandante do vapor intimou os chefes do barco a render-se, e depois de os algemar, fez passar para o vapor os pobres escravos, que, como sardinhas em canastra, iam acamados no fundo do barco. Quando este acontecimento chegou aos nossos ouvidos, apressamo-nos a pedir ao general que nos concedesse os escravos, todos crean-

gas. Louvores a Nosso Senhor e graças ás nossas orações, o general acolheu bem o nosso pedido e nos entregou aquelles infelizes, em numero de 46, sendo 30 meninas e 16 meninos, que vieram engrossar a nossa familia. Estes pequenos são todos do paiz dos Gallas, todos pagãos, e foram roubados quando guardavam os seus rebanhos ou procuravam lenha nas montanhas. Vinham sujos e cobertos de sarna, sendo por isso o nosso primeiro cuidado laval-os, cural-os e vestil-os.»

Aqui está o que fazem as Irmãs da Caridade, e para que serve a Santa Infancia, uma associação que entre nós é quasi desconhecida.

Que serviços prestam essas denodadas obreiras da civilização em todas as partes do mundo onde vivem! Que esplendidos rasgos de caridade, que sublime amor do proximo!

Quem as imita? Quem é capaz de ir pedir 46 creaturas desamparadas, no seculo em que se fecha a porta a uma só que nos peça uma esmola? Oh! santas Irmãs, vós sois a felicidade na terra de todos os infelizes.

Segundo refere o *The Catholic Times*, ha cem annos havia na Europa 80 milhões de catholicos, e hoje contam-se mais de 100 milhões.

Em Cardiff (Inglaterra) não havia ha 60 annos mais que dois catholicos, um irlandez e outro do paiz de Gales; hoje essa mesma povoação conta mais de 12:000 habitantes que professam a nossa Santa Religião.

Por aqui se vê os progressos da Religião Santissima de Jesus Christo.

Publicou-se o *Relatorio do Apostolado da Oração e Liga do Coração de Jesus em Portugal*, no anno de 1886-1887, e vemos que é como sempre, prospero o estado de tão pia associação. Apesar de não figurarem no Relatorio muitos dos circulos, nota-se ainda assim um numero espantoso de associados, nada menos que 756:468!

Não sei, quando o sr. Martins, do *Conimbricense*, pozer fóra do reino os jesuitas, os padres a que elle chama jesuitas, o que hade fazer d'estes 756 mil e tantos filhos da Santa Igreja, que, afinal de contas, não são senão outros tantos jesuitas. Não sei, não sei como toda esta gente se hade mandar para fóra do reino, para agradar ao tio Joaquim!

E o que esta gatinha faz! Durante o anno fizeram ou promoveram dois MILHÕES CENTO E DOZE MIL E OITENTA E SEIS COMMUNHÕES DE DEVOÇÃO!! E' verdade, sr. Joaquim e meus senhores! Com estas communhões quem duvida que as patrias liberdades, á custa de

tanto sangue derramado, não perigam, e não perigam perigosamente!

Berre, berre sr. Martins de Carvalho.

N'um dos nossos valentes compa-nheiros na imprensa catholica de Hespanha encontramos a seguinte noticia que não podemos deixar de tornar bem publica:

«O Superior dos frades Capuchinhos de Antequera, ao passar, ha dias, por uma das ruas de Malaga, cidade onde foi tratar de negocios da sua ordem, entre outros o da fundação d'um convento, foi chamado de uma casa por uma senhora de bastante idade, a qual lhe entregou um grande caixão contendo varios objectos e vasos sagrados de ouro e prata, que lhe haviam sido confiados por um Religioso, no tempo da extincção das Ordens Religiosas, com a condição de os entregar á comunidade de Capuchinhos que primeiro se estabelecesse n'aquella cidade.»

Assim foram livres da voragem esses objectos e vasos sagrados, voltando ás mãos de seus donos. Se todos assim fizessem!...

Aqui vae uma noticiinha que de proposito offerecemos aos inimigos das Irmãs da Caridade, a esses infelizes que não poderam ainda convencer-se dos serviços que ellas prestam nos hospitaes, nas ambulancias e nas escolas; porque é uma grande desgraça não vê-lo que todos os outros veem.

Pois seja para esses a noticia que segue, transcripta da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro:

«No paquete «Niger», chegado ultimamente, vieram da Europa irmãs do convento de *Notre dame de Lyon*, em Paris, para estabelecer n'esta capital uma casa de educação, igual ás que aquella instituição mantém em Paris, Constantinopla, Jerusalem, Londres e Costa-Rica.

Pelo paquete esperado no dia 20 devem chegar a superiora e mais quatro irmãs, destinadas ao ensino das linguas.

Segundo nos consta, esta immigração foi pedida para a França, e o estabelecimento deve ser inaugurado no palacete da rua do Barão de Itapagipe n.º 39, offerecido gratuitamente áquella congregação, por espaço de dez annos, nela ex.^{ma} sr.^a D. Cecilia de Moraes Monteiro de Barros.»

Ah!!! E nós a julgar (que ingenuos somos!) que isto de Irmãs da Caridade era só por cá, e vemos que o Brazil as chama para seguir o exemplo de Paris, Constantinopla, Jerusalem, Londres, Costa Rica, etc., etc.!! Ah!!!

Quem está costumado ao que se pratica nas nossas cidades e villas; a esse

indifferentismo com que se ouve tocar a *Ave-Marias* nas ruas, nas praças e até nos estabelecimentos commerciaes, ha de ficar admirado lendo a seguinte noticia:

«O Cardeal Lavigerie, presencendo em Cambo um jogo de pella, foi testemunha de um acto commovedor e edificante. No mais empenhado do jogo entre os dous partidos ouviu-se o toque das *Ave-Marias*. Cesson immediatamente o jogo, e todos, desde o snr. Cardeal até ao ultimo dos meninos, se descobriram, e no meio de um geral recolhimento, as orações de todos unidos subirão ao Céu.»

Por cá já se não faz caso d'estas ninharias, e deixa-se tocar o sino á vontade, deixando-se estar o chapéu na cabeça, e conservando os labios unidos por causa das... moscas.

Com o n.º 171 da excellente publicação *La Bordadora*, que acabamos de receber, tivemos tambem uma folha de bonitos debuxos para bordar, que muito recomendamos a nossas leitoras. Esta publicação é feita em Barcellona, e é utilissima a todas as senhoras que se dedicam a bordados.

Principiou a publicar-se em Abrantes uma folha que tem por titulo—*A Nova*.

Quando lemos tal palavra no alto da folha saltamos de contentes e dissemos cá para nós, ora aqui apparece uma publicação que, a julgar pelo titulo, vae tratar de questões novas, vae sair do caminho pedregoso e já atulhado de matagaes, que a mór parte da imprensa de hoje segue. Mas, qual! Recebemos o n.º 3 e eis que vemos por terra todas as nossas esperanças! A boa da folha occupa-se dos jesuitas!

Sim, leitores, dos jesuitas, a cousa mais velha, a questão mais debatida, o cavallo de batalha que todos os revolucionarios tem deixado na estrada chagado, podre, misero, a cair de fome e de nojo d'elle mesmo.

A *Nova* apresenta-nos a cousa mais velha; é como se a banda de um regimento fosse no passeio publico de Lisboa tocar a *Maria Cachucha!* Que lembrança! Ao menos escolham outro titulo. Em todo o caso bem vindo seja a este valle de lagrimas.

Realisou-se no dia 11 a distribuição dos premios aos alumnos da escola Industrial Francisco de Hollanda, em Guimarães, com a assistencia de muitas pessoas das mais gradas, auctoridades, etc. etc.

Agradecemos o convite que nos foi

dirigido para assistir a um acto tão solemne e tão civilizador.

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Rosa de Souza Tinoco, fallecida ha pouco em Vianna do Castello, deixou, entre outros legados de vulto, a quantia de 500,5000 reis ao Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga, de Braga.

Bom é que este estabelecimento, destinado á educação e sustentação de estudantes pobres com vocação para o sacerdocio, vá tendo quem d'elle se lembre, para poder realisar a grandiosa ideia do seu caridoso fundador.

Não é não, não é bom brincar com as cousas santas, porque, ordinariamente essas brincadeiras dão mau resultado, como aconteceu ha pouco n'uma communa das Romagnas, conforme conta a *União Catholica*, de Turim, onde existe uma imagem muito venerada de S. Sebastião, n'uma antiga capella, que os conselheiros municipaes resolveram demolir. A's queixas dos fleis que lembravam os castigos divinos respondiam os conselheiros que tomavam á sua conta todas as excommunições em que podessem incorrer. Tres d'estes conselheiros ajudavam a demolição da capella.

Já a estatua venerada, conta a *União*, havia sido apeada do altar, quando um dos conselheiros, que tinha ajudado a desce-la, sente uma viva dor na mão direita; o mal apodera-se de todo o corpo e cahiu sem sentidos para nunca mais se levantar. Quasi no mesmo momento um ataque apoplectico fulmina um dos seus companheiros e culplices. O terceiro foi ferido d'uma paralyisia que não o deixou blasphemar mais.

A impressão que estes factos causarão foi tão profunda que a demolição da capella foi suspensa e a imagem do Santo novamente collocada sobre o altar.

Pedimos ao *Silverio* a caridade de lembrar este facto ao das praticas succulentas para que elle medite no que lhe poderia acontecer ao demolir a capella capitular dos frades franciscanos, de que nos occuparemos.

J. de Freitas.

ANNUNCIOS

PEQUENA HISTORIA

DE

N. SENHORA DE LOURDES

COM A NOVENA DA MESMA SENHORA
(TRADUÇÃO)

Approvada e recommendada pelo Sur.
Bispo de Vizeu

e prefaciada pelo rev. conego Martins
Vende-se n'esta redacção. — Preço
100 reis, pelo correio 110.

HISTORIA DE SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.^a edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que ameaça de perto a sociedade, não conhecemos nada que melhor possa deter a onda destruidora, levantada pela descrença, do que a educação, ministrada aos filhos pelas mães christãs. Dae ás creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes mães, que conheçam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Maria, cuja historia vamos publicar em 2.^a edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias letras.

Se nós conseguissemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as filhas; que se desse ás creancinhas,

que o lessem as meninas nos collegios, oh! que grande serviço prestado, que fonte de bens para a humanidade! Mas será o que Deus quizer, o livro está no prelo e temos esperanças de que se espalhe bem, como merece.

Formará um volume de 400 paginas approximadamente, e será impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.^o

A 1.^a edição custou 15000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental, custará apenas

500 rs., franca pelo correio

Depois de concluida a publicação, os poucos exemplares que restarem, custarão 800 reis. Escusado será dizer que fazemos esta edição em harmonia com muitos pedidos que já temos e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

MANUAL DA PIA UNIÃO

DAS

FILHAS DE MARIA

SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.

Compilado do *Manual da União Primaria de Roma*, do mesmo titulo,
e de outros livros de piedade

PELO CONEGO

DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL

E APPROVADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. BISPO DE PERNAMBUCO

E approvado e indulgenciado pelos Em.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto

e pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Director Geral da Pia União, em Roma

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline 400

Em melhor papel, folhas douradas etc. 600

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas—Guimarães